

Esplendor da catástrofe

Três jovens artistas e a lembrança do terramoto

Em tempos de incerteza, a atracção pelos grandes desastres parece instalar-se no imaginário colectivo. É um movimento mental a que não escapa, por vezes, um envolvimento místico e a que assiste também uma certa erótica, devidamente enquadrada pelos meios de comunicação de massas. Mas, sobretudo, esse tipo de acontecimentos costumam precipitar uma mais densa consciência da história e das suas rupturas.

Com as comemorações do terramoto que destruiu Lisboa em 1755 em pano de fundo, a exposição «Controlo Remoto» propõe uma reflexão sobre o impacto das catástrofes, acidentes e desastres na identidade e na cultura das cidades. Nela participam três jovens artistas — Carlos Correia, Marta Moura e Romeu Gonçalves —, a que se junta uma selec-

to, que utilize imagens retiradas da Internet que aludem ao terrorismo e aos conflitos internacionais em curso. Essas imagens originalmente coloridas são reduzidas a um forte contraste a preto e branco que reforça a massificação visual veiculada pela rede e o processo de banalização que ela induz.

Uma abordagem quase inversa e muito mais exuberante pode ser encontrada nos desenhos acrílicos de Marta Moura, que explora a ambígua atracção pelos desastres automóveis (tão habilmente sugerida por J.G. Ballard e David Cronenberg em *Crash*). «Tales of Everyday Folk» mostra um grande desenho dum carro acidentado e um conjunto de outros de mais pequena dimensão mas igualmente impressionantes. Os automóveis surgem-nos em cores garridas com todas as suas «feridas» abundantemente definidas. O que surpreende nestas figurações de desastres é a materialização visual desse fascínio, como se esse desastre, ou os seus despojos, fossem uma espécie de momento posterior ao furor viário e aos seus êxtases catárticos.

Mais «silencioso» é o trabalho de Romeu Gonçalves, cuja pintura aparentemente abstracta remete para o invi-

sível e o oculto (os materiais, as estruturas) nas construções arquitectónicas. Nas suas pinturas, o artista usa como material o mesmo cimento que serve para colar os azulejos que forram as paredes frontais dos edifícios. Chama-lhes «Pinturas do Silêncio», numa observação subterrânea da cidade como articulação de texturas, estruturas e alicerces, revelando as suas perenes monotonias como negativo da acção e do acontecimento histórico. A atracção pelo invisível por trás da superfície junta-se assim à banalidade da violência e ao furor do impacto como aproximação possível ao organismo complexo que cada grande cidade constitui.

CELSO MARTINS

«Controlo Remoto»

Carlos Correia, Marta

Moura e Romeu Gonçalves

Galeria Luís Serpa, até 14 de Janeiro



Carlos Correia, pintura da série «Depois dos Desastres»

ção de vídeos predominantemente de Chris Cunningham com algumas das imagens mais interessantes criadas para o universo dos vídeos musicais, cuja estridência equaciona a cultura urbana no contexto da sociedade de massas.

O tema comum não impede, no entanto, que estejamos perante propostas muito distintas entre si, que apontam diferentes aspectos relacionados com a cidade e o impacto cultural das transformações súbitas e o simbolismo dos grandes acontecimentos. Carlos Correia apresenta um conjunto de pequenos quadros (tinta-da-china sobre madeira) que tomam como modelo inspirador os *Desastres da Guerra*, de Goya. Correia adopta o mesmo número de desenhos de Goya e as suas dimensões, mas transpõe para as condições da contemporaneidade quer o entendimento do desastroso, quer as condições da sua recepção pública. Não espanta, portan-